

Itinerário do corpo morto e terceirização dos cuidados: a morte como negócio¹

Itinerary of the Dead Body and the Outsourcing of Care: Death as a Business

Karla de Souza Magalhães²

Rachel Aisengart³

Palavras-chave:

morte;
cuidados;
mercado
funerário.

Resumo: Este artigo aborda os cuidados com os corpos mortos, com base na delegação social da responsabilidade, da família e comunidade, para serviços terceirizados. As transformações sociais ocorridas ao longo do século XX acarretaram um crescimento do mercado funerário no contexto brasileiro, sobretudo a partir dos anos 1980. A pesquisa na qual se baseia este artigo tem como objetivo acompanhar o itinerário do corpo morto, para mostrar como são efetuados os cuidados, por intermédio de serviços terceirizados, presentes desde a constatação do óbito, sua notificação, até o destino final, quando os corpos são sepultados ou cremados. O artigo conta com uma contextualização dos estudos sobre o tema e com a apresentação de dados de uma pesquisa etnográfica, empreendida em um cemitério localizado no município de Nova Friburgo – região serrana do estado do Rio de Janeiro. O estudo revelou a existência de um processo de mercantilização da morte, associado à produção de bens de consumo, com o propósito de dissociação entre os fenômenos morte e sofrimento.

Keywords:

death;
care;
funeral market.

Abstract: *This paper addresses upon the care of dead bodies, focusing on the delegation of responsibilities from the family and community to third-party services. Social transformations throughout the 20th century led to the growth of the funeral market in Brazil, especially from the 1980s onward. The research on which this article is based aims to trace the itinerary of the dead body to show how care for the deceased is carried out through outsourced*

1 Recebido em 30 de agosto de 2024; aprovado em 22 de novembro de 2024.

2 Psicóloga, Mestre em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca – ENSP/Fiocruz. Doutoranda em Saúde Coletiva pelo Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IESC/UFRJ

3 Médica, Doutora em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (IMS/UERJ), Professora Associada do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IESC/UFRJ)

services, from the moment of death to the final destination, whether burial or cremation. The article provides a contextualization of studies on the topic and presents data from ethnographic research conducted in a cemetery located in the municipality of Nova Friburgo, in the mountainous region of the state of Rio de Janeiro, Brazil. This study highlights the commodification of death, associated with the production of consumer goods, which seeks to dissociate the phenomenon of death from suffering.

Introdução

Todas as sociedades transformam os modos de gestão do corpo morto em rituais, que variam segundo graus de complexidade, de acordo com a posição da morte no sistema de valores vigente (HOWARTH; LEAMAN, 2001).

No campo das Ciências Sociais, a morte ressurge mais sistematicamente como objeto e tema de estudos a partir dos anos 1960, quando diversos pesquisadores perceberam mudanças significativas nas práticas e representações concernentes à morte, os mortos e ao morrer, durante o século XX, sobretudo após a Segunda Grande Guerra Mundial (MENEZES, 2004, p. 25). A partir desse período houve relevantes transformações sociais, e a morte tornou-se campo privilegiado de observação e análise da fragilização dos vínculos sociais, da crescente institucionalização e rotinização dos cuidados aos doentes, e do processo de ocultamento e exclusão social dos que estão morrendo (MENEZES, 2004; LIMA, 2016; VERAS; SOARES, 2016).

A maneira como as sociedades lidam com a morte tem se transformado de forma gradual e lenta, pois, à medida que elas passam por mudanças, os rituais em torno da morte também se modificam (MENEZES; GOMES, 2011; SUZUKI, 2013; TRADII, 2016). No Ocidente, essas alterações são decorrentes do processo de secularização⁴, com responsabilização concernente às modificações nos cuidados dos moribundos, dos mortos e, também, no que tange à configuração dos rituais fúnebres (MENEZES; GOMES, 2011). Com as transformações sociais, no Ocidente, da Alta Idade Média à contemporaneidade, a responsabilidade de cuidar dos preparativos para o funeral, antes atribuída à família e à comunidade, foi transferida para o Estado e para instituições com caráter técnico, profissional e mercantil. Assim, configuram-se a produção da indústria funerária e um processo de mercantilização da morte (ARIÈS, 2003; VERAS, 2015).

4 O termo “secularização” faz referência ao processo de perda do poder religioso e separação entre as esferas de poder estatal e as religiosas. Em outras palavras, está relacionado com o surgimento de um modo de vida não mais estruturado em torno de perspectiva religiosa (RODRIGUES, 2022).

As razões para a ocorrência dessas mudanças podem ser diversas, mas de qualquer forma é possível apontar a existência de transformações significativas nos ritos funerários, que evidenciam ênfase sobre as escolhas individuais – seja no recurso e uso de novos elementos em rituais tradicionais ou na criação de modalidades inovadoras de cerimônias (MENEZES; MACHADO, 2019). Diferentes aspectos da esfera íntima da vida do falecido são inseridos no ritual, seja por desejo expresso ainda em vida ou por vontade dos enlutados, como tributo ao morto (MENEZES; GOMES, 2001). A personalização do ritual funerário inclui desde a adaptação e alteração dos ornamentos, como a escolha do caixão ou da urna, até escolhas menos tradicionais, como referentes ao ambiente (incenso, iluminação, entre outras possibilidades) e às músicas (MENEZES; MACHADO, 2019).

No entanto, tais transformações sociais não acarretaram mudanças no significado do cuidado com os corpos mortos e, também, no que concerne à permanência da memória dos falecidos. Nesse sentido, nenhuma cultura humana ou dos antepassados recentes, como o *Neandertal*, é ou foi indiferente aos restos mortais. Segundo Thomas Laqueur (2015, p. 1), “o ato de cuidar, sepultar e preservar os restos cadavéricos é fundante da cultura”. Assim, o contrário, o não cuidado com os corpos dos mortos configura situação que denota desconforto social, independente da cultura e do contexto. Cada cultura, grupo ou sociedade produz e conta com sentimentos e valores compartilhados, em torno do não cuidado de corpos mortos, pois “o cadáver demanda atenção dos vivos, seja lá qual for o tipo de atenção prestada” (LAQUEUR, 2015. p. 8). É neste sentido que a morte é tema que pode ser considerado como fato social total (MAUSS, 2003).

Esse artigo tem como objetivo acompanhar e descrever o itinerário do corpo morto, para indicar a presença de serviços terceirizados, desde o momento em que o óbito é constatado, até seu destino final, quando o corpo é sepultado ou cremado. Para tanto, em um primeiro momento, apresentamos um panorama sobre as transformações sociais referentes à morte e ao processo do morrer, ocorridas nas sociedades ocidentais, desde o período medieval até o presente momento. Um ponto central desta reflexão reside na mudança do local de ocorrência do falecimento. Em séculos anteriores ao XX, este evento acontecia nas casas. Com o advento e desenvolvimento dos hospitais, a morte passa a acontecer com maior frequência nessa instituição. A partir das últimas décadas do século XX, há uma tendência à valorização da escolha do enfermo sobre o melhor lugar para morrer: em geral, trata-se da própria residência. Como forma de articulação da teoria com a prática, lançamos mão de um relato de experiência profissional de uma das autoras deste artigo, com sua observação, enquanto psicóloga, acerca dos momentos em que a morte entrava na cena da rotina institucional.

Em seguida, descrevemos como se dá o processo de preparação dos corpos pelos agentes funerários para os rituais de despedida. A partir desse trajeto, mostramos como os corpos adentram os locais de seu destino final: os cemitérios ou crematórios. Nesta seção, apresentamos alguns fragmentos de pesquisa etnográfica realizada em um cemitério luterano do município de Nova Friburgo - região serrana do estado do Rio de Janeiro⁵. Para ilustrar o crescimento do mercado funerário e variedade de ofertas de serviços do ramo, apresentamos alguns empreendimentos inovadores presentes no Brasil e no mundo, pesquisados pelas autoras. Tais serviços contemplam distintos estratos sociais e constituem indicativo da constatação do componente mercadológico presente nos cuidados destinados aos mortos, nas primeiras décadas do século XXI.

Transformações sociais acerca da morte e do morrer

Philippe Ariès (1914-1984) é referência central no campo de estudos dos rituais em torno da morte no Ocidente. O autor desenvolveu ampla pesquisa sobre as atitudes do homem diante da morte e as mudanças em sua percepção sobre a finitude, que compreendeu o período entre a Alta Idade Média e o século XX. No período medieval, a morte era tida como fenômeno natural, corriqueiro, familiar, que ocorria na presença de crianças e era domesticada. A “morte domada”, característica da Alta Idade Média, era ritualizada, comunitária e enfrentada com dignidade e resignação, podendo ser ilustrada pela morte dos cavaleiros. A familiaridade com a morte espelhava aceitação da ordem da natureza, na qual o homem estava inserido. Neste período, o homem não negava ou evitava a morte; pelo contrário, sua atitude era de aceitação (ARIÈS, 2003; MENEZES, 2004).

A morte é uma cerimônia pública e organizada. Organizada pelo próprio moribundo, que a preside e conhece seu protocolo. O quarto do moribundo transformava-se, então, em lugar público, onde entrava-se livremente. Era importante que os parentes, amigos e vizinhos estivessem presentes. [...] levavam-se as crianças - não há representação de um quarto de moribundo até o século XVII sem algumas crianças (ARIÈS, 2003, p. 37).

Na segunda fase da Idade Média (por volta dos séculos XI e XII) teve início o pe-

5 Trata-se de uma pesquisa de doutoramento (Programa de pós-Graduação em Saúde Coletiva da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ) conduzida pela primeira autora deste artigo, sob orientação de Rachel Aisengart - que é coautora desse artigo. A pesquisa, intitulada “*Um estudo sobre os vivos que trabalham com os mortos: etnografia em cemitério e crematório*” encontra-se em fase de finalização. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto de Estudos em Saúde Coletiva/UFRJ - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), com aprovação em novembro de 2022, CAAE número 64430422.0.0000.5286.

ríodo que Ariès (2003) nomeou como “morte de si”, que se estendeu até o século XIV. Trata-se de período marcado pelo reconhecimento da finitude da própria existência, quando os homens passam a viver com pensamentos sobre a própria morte, e com apego às coisas da vida. A partir do século XIX e até o século XX, a morte do outro torna-se dramática e insuportável, quando tem início o processo de afastamento social da morte (MENEZES, 2004, p. 27). Finalmente, no século XX, surgem novas formas de relação com a morte, que passa a ser “invertida, escamoteada, oculta, vergonhosa e suja” (ARIÈS, 1981, p. 23). No período moderno, a morte passa a ser considerada como assunto “tabu”, maldito e é afastada das relações sociais, com variações em diferentes contextos e países.

Tais modificações acarretam um distanciamento social cada vez maior da morte, dos moribundos e dos mortos. A abordagem histórica de Ariès é fundada na concepção de uma degradação progressiva da relação com a morte estabelecida pelos indivíduos e sociedades. Sua visão é particularmente crítica quanto ao período moderno, que afastou a morte do cotidiano, transformando-a em tabu e privando o homem de sua própria morte (MENEZES, 2004, p. 27).

Norbert Elias (2001) também se dedicou ao tema da morte, apontando a presença de recalcamen⁶to da ideia da morte ao longo do século XX, o que resultou no afastamento gradativo do processo de morte da vida cotidiana – ao que o autor denominou de “solidão do moribundo”. Para Elias (2001), este fenômeno é decorrente de processos individual e coletivo, caracterizados pelo esvaziamento dos rituais seculares e pelo controle individual sobre a expressão dos sentimentos, face ao sofrimento e à morte. Elias (2001) concorda parcialmente com a ótica de Ariès acerca das mudanças sociais diante dos ritos de fim de vida e atitudes associadas ao processo de morte e à morte. Considera a postura do historiador excessivamente romântica, no que concerne à morte nas sociedades medievais. Em suas palavras: «Ele [Ariès] tenta transmitir sua suposição de que antigamente as pessoas morriam serenas e calmas. Num espírito romântico, Ariès olha com desconfiança para o presente inglório em nome de um passado melhor” (ELIAS, 2001, p. 19).

Ariès e Elias concordam no que diz respeito à morte na Idade Média: ela seria menos oculta, mais presente e familiar. Contudo, para Elias (2001, p. 21) o evento não significava que a morte fosse mais pacífica, pois a vida na sociedade medieval era mais curta; os perigos menos controláveis; o processo do morrer era, muitas vezes, mais

6 Recalque, recalcamen⁶to ou operações defensivas são termos da psicanálise freudiana, que diz respeito a operação pela qual o sujeito busca repelir, no inconsciente, representações (pensamentos, imagens, recordações) ligadas a uma pulsão. O recalque produz-se nos casos em que a satisfação de uma pulsão – suscetível de proporcionar prazer por si mesma – ameaçaria provocar desprazer relativamente a outras exigências (LAPLANCHE, 1991, p. 430).

doloroso. Havia então numerosas epidemias e pestes que dizimavam grande parte da população. Acrescente-se o dado que, devido ao predomínio de crenças e valores impostos pela igreja católica, os sentimentos de culpa e medo de punição após a morte eram presentes.

Para Elias (2001), a “solidão do moribundo” pode se apresentar de distintas formas, todas com uma característica comum: sua exclusão da comunidade dos vivos. Menezes (2004) considera que, para Elias (2001), os excluídos sofrem pela restrita possibilidade de identificação com sua condição. “No século XX – e, ainda no século XXI – morre-se assepticamente em unidades de terapia intensiva com recursos tecnológicos modernos e especializados, mas em total isolamento” (MENEZES, 2004, p. 36). Por outro lado, há busca de produção de uma “boa morte” (MENEZES, 2004), pelo aparato médico, com as propostas de humanização do processo do morrer, sobretudo a partir da filosofia *hospice* e dos Cuidados Paliativos⁷.

Um aspecto que merece destaque para a apreensão da construção da representação social da morte enquanto tabu é a mudança do local onde ela é materializada. Desde meados do século XX, ela passou dos lares e ambientes comunitários dos moribundos para os leitos padronizados e monitorados por profissionais de saúde das instituições hospitalares. Chegamos, portanto, ao ponto de partida do itinerário da morte na contemporaneidade: o hospital.

O quarto do moribundo passou da casa para o hospital. Devido às causas técnicas médicas, esta transferência foi aceita pelas famílias, estendida e facilitada pela sua cumplicidade. O hospital é a partir de então o único lugar onde a morte pode escapar seguramente à publicidade – ou àquilo que resta – a partir de então considerada como uma inconveniência mórbida. É por isso que se torna o lugar da morte solitária (ARIËS, 1982, p. 322).

7 Nos anos 1960 surge uma produção analítica e crítica das Ciências Sociais e Humanas, oriunda majoritariamente da Europa e Estados Unidos, sobre a gestão institucional do último período de vida, em torno da gestão do sofrimento e do processo do morrer. Estudos apontam excessos de poder médico, perda da autonomia individual, ocultamento do diagnóstico, prognóstico e da morte, por parte de equipes de saúde, a doentes e familiares e crescente racionalização da assistência (ILLICH, 1975; HERZLICH, 1993; GLASER; STRAUSS, 1965; STRAUSS, 1963). No final dos anos 1960 é fundado em Londres o primeiro *hospice* pela enfermeira, assistente social e médica britânica Cicely Saunders: *St Christopher Hospice*: instituição exemplar da modalidade inovadora de atenção no final da vida, regida pela filosofia *hospice*, nomeada de Cuidados Paliativos em outros países, como Canadá, Estados Unidos e França. O foco da atenção inclui comunicação franca e aberta entre equipe, doente e familiares; controle da dor e sintomas; escuta e respeito aos desejos do paciente. Trata-se de proposta de aceitação social da morte e sua visibilização. O paliativismo opõe-se aos excessos tecnológicos da medicina, considerada fria e “desumana”. Assim, “Cuidados Paliativos” propiciariam uma atenção “digna” e “natural”, para “humanizar” a morte (MENEZES; MACHADO; SILVA, 2021, p. 42).

No cotidiano das unidades hospitalares, quando constatado o “óbito”⁸, imediatamente o corpo é transportado para uma sala afastada e com pouquíssima circulação de pessoas - profissionais das instituições e/ou familiares. Essas salas, denominadas como *morgues* ou necrotérios, recebem os corpos dos falecidos no ambiente hospitalar, e ali permanecem nus e embalados em sacos plásticos específicos para este fim, até que sejam removidos pelos agentes funerários.

Aqui apresentamos um relato de observação de uma autora deste artigo, sobre sua atuação profissional como psicóloga em um hospital geral localizado no município de Nova Friburgo ilustra esta dinâmica. O local para os corpos mortos da instituição ficava em área externa à estrutura hospitalar. O processo ocorria do seguinte modo: constatado o óbito, o corpo era preparado imediatamente pela equipe de enfermagem⁹. Enquanto o procedimento era realizado, a chefe de enfermagem entrava em contato com o serviço de remoção da instituição, para transferência para a *morgue*. Paralelamente, com duração de menos de 20 minutos, a assistente social se comunicava com a agência funerária do município que, por sua vez, chegava ao hospital em, no máximo, 30 minutos. Não raro era possível presenciar a chegada de agentes funerários pouco antes da comunicação do falecimento para a família.

Por vezes, algumas famílias expressavam o desejo de permanecer com o morto no hospital até o momento de sua remoção para agência funerária, o que não era aceito pela equipe de saúde, sob a seguinte justificativa: “não queira manter em sua memória a imagem de seu ente querido neste estado. Em nossa cidade já contamos com o serviço de tanatopraxia¹⁰ e isso vai evitar uma última lembrança dele (a) de forma

8 O termo “óbito” é a forma como equipes de saúde se referem à morte ou falecimento. O termo tem origem na biomedicina e ilustra o afastamento da “morte” (termo mais próximo, cotidiano) do linguajar cotidiano.

9 O preparo do corpo pós morte é responsabilidade da equipe de enfermagem. O passo a passo deste procedimento é descrito em um protocolo de utilização das equipes de enfermagem das Unidades de Pronto Atendimento (UPA) do Brasil. O documento informa que o técnico/auxiliar deve realizar higienização das mãos com água e sabão; separar uma bandeja para o procedimento e o material para o procedimento, colocando-o na bandeja; levar a bandeja até o leito do paciente e colocá-la na mesa de cabeceira; checar os dados de identificação legíveis na placa de identificação do leito; promover privacidade, utilizando biombos, se necessário, colocar as luvas de procedimento, avental ou capote e máscara cirúrgica; desligar os equipamentos, quando em uso, posicionar o corpo em decúbito dorsal e retirar sondas, cateteres e drenos; proceder à higiene do corpo, quando necessário; realizar curativos nos locais necessários e proceder com o tamponamento com algodão de ouvidos, nariz, orofaringe, região anal e vaginal, quando indicado; manter decúbito horizontal dorsal com braços fletidos sobre o tórax, fixar mandíbula, punhos e tornozelos com atadura de crepe; proceder à identificação colocando a etiqueta sobre o tórax do paciente e colocar um lençol sob o paciente e envolve o corpo, cobrindo-o completamente e fechando com a fita crepe; coloca-se outra etiqueta sob o lençol novamente na altura do tórax do paciente; solicitar ao maqueiro o encaminhamento do corpo ao necrotério (BRASIL, 2021).

10 Trata-se do conjunto de procedimentos, técnicas e métodos utilizados para conservar, embalsamar, higienizar, restaurar e cuidar da aparência de um cadáver, de modo a prepará-lo para o velório funeral ou cerimônia fúnebre (CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DE SERGIPE, 2015). Este procedimento será apresentado de forma mais detalhada mais adiante.

traumática”. A maioria das famílias aceitava e concordava. Em certas ocasiões, alguns familiares insistiam em ver os corpos de seus entes queridos no leito de hospital ou na *morgue*. Nesses casos, a presença da psicóloga do hospital era solicitada pela equipe, para conversar com os familiares e acompanhar a visita.

De maneira distinta à opinião da equipe médica e de enfermagem, o contato com o morto ainda no hospital não acarretou manifestações de desespero, mas de afeto. As famílias então despediam-se de seus mortos com abraços, beijos, carícias e preces religiosas. Havia expressão de sentimentos e de promessas concernentes à vida e aos cuidados cotidianos. Essas famílias não estavam diante de corpos arrumados, vestidos e maquiados - e tal condição aparentemente não importava naquele momento.

Uma vez removido do necrotério dos hospitais, o morto é transferido para uma agência funerária, que se dedica aos cuidados e arrumação para o velório. Marcos Freire de Andrade Neves (2014), em seu estudo etnográfico em serviço funerário de Porto Alegre, descreveu como é o trabalho de “fabricação da morte e da pessoa morta”¹¹. Segundo o autor, à família são atribuídas certas escolhas, referentes ao funeral e escolha da urna, o que é negociado com as empresas privadas responsáveis. O mercado funerário também organiza os procedimentos burocráticos, e, assim, é evitado, ao máximo, qualquer dispêndio de tempo. No entanto, todo trabalho tem um preço e a conta, ao final do processo, pode alcançar valores elevados.

Dentre as mediações incorporadas, destacam-se aquelas que assumem para si os encargos burocráticos e técnicos do processo de produção da morte e da pessoa morta sob a forma de serviços pagos. Mediações formadoras de um mercado funerário que encaminha trâmites burocráticos, que define o cerimonial, que age tecnicamente na preparação do cadáver e efetiva sua destinação final. São mediações que auxiliam o gerenciamento do óbito e agem na produção de uma pessoa *post-mortem* ao intervir sobre o corpo e produzir uma memória específica a seu respeito (NEVES, 2014, p. 15).

Em seu estudo, Neves (2014) descreveu os diferentes tipos de serviços oferecidos pelo mercado funerário, como: tanatopraxia, embalsamamento, traslados, velórios personalizados, floricultura, cremação, parcerias com vendas de jazigos familiares em cemitérios privados da região, dentre outros.

11 Expressão utilizada pelo pesquisador para se referir aos procedimentos técnicos de preparo de corpos realizados pelas agências funerárias. Segundo o autor, esse trabalho com os mortos objetiva apresentá-lo à sua família de forma análoga à que possuía em com vida. Esses procedimentos são contratados pelas famílias e, a depender de sua condição financeira, pode alcançar custos elevados. A este processo o autor denominou de “fabricação da morte e da pessoa morta” (NEVES, 2014).

O preparo dos corpos para os rituais de despedida

Os procedimentos envolvidos nos preparos dos corpos mortos, bem como as despesas com o funeral, compreendendo o caixão, as flores, as velas, o aluguel da capela, o traslado e o sepultamento em cova rasa de cemitério público podem custar, no mínimo, R\$ 1.500,00 (um mil e quinhentos reais). Em se tratando de cemitério particular, esse valor pode ser duplicado ou quintuplicado, a depender dos itens a serem utilizados no funeral. O valor de um caixão *standard* varia entre R\$ 600,00 e R\$ 8.000,00 (seiscentos a oito mil reais), mas quando se trata de caixão importado, o preço pode alcançar o montante de R\$ 50.000,00 (cinquenta mil reais), dependendo das condições e gosto do cliente (GRUPO SAF, 2024).

Como os produtos e serviços de um funeral são relativamente dispendiosos, há planos que possibilitam uma aquisição antes do óbito, conhecidos como *preened* ou *preplanning funeral*. A ideia surgiu nos Estados Unidos da América, no final do século XX, e é creditada ao envelhecimento da geração dos *babies boomers*, nascida entre as décadas de 1946 a 1964. Segundo Moraes (2013, p. 219), “nessa nova cultura funerária, emerge o processo de empresariação da morte”. No Brasil, o empresariar a morte surgiu no final dos anos de 1980, com os “Grupos”, empresas que agregam vários empreendimentos fúnebres. Além de serviços clássicos realizados por agentes funerários, essas empresas dispõem de floricultura, casas velatórias confortáveis, cemitérios, crematórios, dentre outros (MORAIS, 2013). Esses “Grupos” passaram a atuar para promover as atividades e os cuidados em torno do processo do morrer: o antes (com os serviços de prevenção ao funeral), o durante (com todos os serviços de funeral) e o depois (com serviços de assistência ao luto).

Na pesquisa buscamos informações sobre a principal agência funerária do município de Nova Friburgo, cidade do interior do estado do Rio de Janeiro, com cerca de 200.000 habitantes. Trata-se do “Serviço de Assistência Familiar” (SAF), que conta com planos funerários, convênios com empresas, laboratórios de exames e análises clínicas, farmácias, clínicas com equipes multiprofissionais: médicos, cirurgiões-dentistas, psicólogos, nutricionistas e fisioterapeutas, além da oferta de serviço de aluguel de materiais hospitalares (cadeiras de rodas, andadores, muletas, camas hospitalares). As universidades privadas da região também contam com oferta de descontos em suas mensalidades aos associados à SAF.

Cada acesso aos benefícios é realizado com desconto especial para quem possui a chamada “carteirinha da SAF”. Em sua rede social e *website*¹² - ambos de acesso público -, a empresa frisa ser composta por “amigos de todas as horas”, dispostos à

12 *Website* do Serviço de Assistência Funerária (Grupo SAF): <https://saf.com.br/> - Acesso em: 24 de março de 2024. *Instagram*: @safassistencial

manutenção e qualidade de vida, por convênios com serviços de saúde, mas que, ainda segundo o *site*, também estão presentes em momentos difíceis. A variedade de serviços específicos para a assistência “pós vida” é divulgada:

“O SAF nasceu da necessidade que víamos de as pessoas mais carentes terem um auxílio funeral. A partir disto, começamos a elaborar um plano em que os benefícios pós vida fossem pagos parceladamente e por um valor pequeno” (GRUPO SAF, 2024).

O “amigo de todas as horas” oferece três tipos de planos, anunciados como o “clube de descontos”: o primeiro é o SAF-Assistencial, que possui as modalidades A, B e C. Os valores variam entre R\$ 33,00 e R\$ 44,00 mensais, a depender da categoria (A, B ou C) e contemplam os serviços de traslados dos corpos, tanatopraxia, urnas funerárias ornamentadas com flores, uso do Memorial com capelas individuais para velórios e transmissão *online* ao vivo para familiares e amigos de todo o mundo. Esses preços são para casais (o titular e seu cônjuge) e, em caso de filhos ou de outros membros da família agregados, há valores individuais de acréscimos, que variam segundo a faixa etária; há acréscimo de R\$ 5,00 para cada criança ou jovem de até 20 anos, de R\$ 7,00 para cada agregado adulto entre 21 e 58 anos de idade e de R\$ 10,00 para cada indivíduo agregado com idade igual ou superior a 59 anos de idade (GRUPO SAF, 2024).

Em contato telefônico com a Central de Atendimento, a funcionária informou que a diferença de preço entre as três categorias refere-se à especificidade das urnas. Segundo suas informações, os três planos dão acesso a esquifes de qualidade; no entanto, a diferença é que o plano C contempla adereços mais sofisticados, como alças e símbolos religiosos.

O segundo plano ofertado pela instituição é intitulado de SAF-Plus, e é uma modalidade individual que, além dos benefícios do SAF-Assistencial, inclui serviço de cremação. Este plano tem custo de R\$ 44,00, independente da faixa etária (GRUPO SAF, 2024).

Já o terceiro e último plano disponibilizado é o SAF-PET, dirigido a cuidar de “seu melhor amigo”, o animal de estimação. São oferecidos serviços de remoção do animal falecido e cremação individual ou coletiva, a critério do tutor. Nesta modalidade há dois tipos de serviços com preços diferentes, que são acrescentados mensalmente no plano do associado do SAF-Assistencial ou SAF-Plus: plano A, de R\$ 18,00, que oferece cremação compartilhada e emissão de certificado de cremação. Neste caso não há retorno das cinzas e o associado pode incluir até três animais; plano B, de R\$ 35,00, com cremação individual, emissão de certificado de cremação, retorno das cinzas e possi-

bilidade de assistir à cremação. A modalidade B só inclui um animal. Há, também, o “PET-Club”, contemplado por ambos os planos, assim denominado para as vantagens de abatimentos na rede de veterinários e *petshops* conveniados, para os *pets*, quando em vida (GRUPO SAF, 2024).

O Serviço de Assistência Familiar (SAF) foi inaugurado em Nova Friburgo ao final da década de 1990 e, devido ao volume da adesão de associados, expandiu para diversos municípios dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais. Segundo dados do *website* da empresa, estão presentes em vinte e cinco municípios do estado do Rio de Janeiro; em cinco municípios de Minas Gerais e em três cidades do Espírito Santo, totalizando trinta e três filiais presentes em diversos municípios de pequeno porte (GRUPO SAF, 2024).

Com a proposta de oferecer dignidade, principalmente a famílias de camadas populares, o Grupo SAF assume o protagonismo do cuidado do corpo sem vida, reservando aos familiares certo tempo junto ao falecido arrumado e maquiado no caixão, durante o velório. Tal prática revela que a gestão do corpo morto é objeto de uma delegação dos cuidados a profissionais especializados, com formação técnica e mercantil (VERAS; SOARES, 2016).

Destino final dos corpos: os cemitérios e crematórios

O ritual do velório tem início após os cuidados do corpo. Fechada a urna, o corpo retorna às mãos dos agentes funerários que, após o traslado de carro, o entrega aos coveiros em cemitérios ou operadores de crematórios. Estes são os destinos finais do itinerário do corpo morto: os cemitérios e/ou crematórios. Nestes espaços, as famílias acompanham o sepultamento e, raras vezes, o procedimento de cremação, mas, em ambos os casos, são cuidados terceirizados.

O percurso do morto revela que os cuidados com o corpo – em vida ou após a morte – são delegados a profissionais. Trata-se de um processo denominado por pesquisadores dedicados ao tema como “mercantilização da morte” ou “a morte como negócio” (NEVES, 2014; VERAS; SOARES, 2016). A comercialização do produto funerário segue as estratégias mercantilistas presentes em outros setores comerciais. A principal demanda deste campo é desmistificar seus produtos, desfazendo suas históricas ligações com o sofrimento, de modo a tornar esses artigos comercialmente atraentes. Esse efeito é obtido por meio de variadas táticas, como o humor, a proximidade com tecnologia, itens de luxo, a técnica, o profissionalismo, a medicalização e psicologização, o novo e, até, as tendências de moda (MENEZES; GOMES, 2011).

Tal prática pôde ser verificada durante a pesquisa etnográfica: o corpo morto adentrava o portão do cemitério em caixão fechado e era conduzido por agentes fu-

nerários que se apresentavam de forma discreta e silenciosa, sempre com vestimenta social - calças, camisa e sapatos. Nos casos de inumação, o cadáver era conduzido até o túmulo. Em se tratando de cremação, era direcionado à capela no setor em que posteriormente realizava-se a incineração em forno crematório. Em ambos os processos era frequente a abertura da urna por familiares e amigos ali presentes, para a despedida final. Via de regra, a pessoa falecida tinha uma aparência que consistia em resultado do tratamento por produtos específicos para este fim. Assim, diante daquela cena, não fosse o caixão, facilmente seria possível aventar a hipótese de tratar-se de um corpo vívido, com aparência refinada e aspecto saudável - com bochechas rosadas, pele do rosto artificialmente uniforme, sem manchas e com tom de maquiagem. Ao tratar-se de uma mulher, tinha sua boca pintada de batom e os cílios encurvados, pelo uso de rímel. Diante desses poucos minutos de caixão aberto - para satisfação dos agentes funerários -, com frequência os presentes repetiam as frases “nossa, ele (a) parece estar dormindo”, “como ele (a) está sereno (a) ou “nem parece que morreu, tadinho (a). Está tão bonito (a)”.

Nessas situações, também era possível observar que alguns parentes e amigos estavam diante do corpo morto da pessoa falecida pela primeira vez. Ademais, quando a morte ocorria em instituições hospitalares, o corpo era entregue a profissionais do segmento funerário para cuidados técnicos dirigidos à “fabricação do morto” para, a partir de então, ser exibido aos familiares, que permaneciam com ele por algumas horas no velório, até ser encaminhado para o cemitério ou crematório. É possível indicar uma mudança, apontada por Ariès (2003): o tempo de permanência de familiares e amigos com os corpos mortos foi reduzido desde a metade do século XX e, sobretudo, no século XXI. Cabe salientar que a prática de velar o corpo por 24 horas, inclusive de madrugada, está cada vez mais reduzida no Brasil, em decorrência da insegurança nos grandes centros urbanos. À exceção de algumas cidades pequenas do interior de estados brasileiros, que mantêm o ritual de velar os corpos no domicílio ou em capela mortuária por longas horas, e com a presença da comunidade na qual o morto estava inserido. Nestes rituais observa-se uma partilha de cumprimentos, condolências e conversas, com comes e bebes organizado pela família do falecido.

A observação de inúmeros rituais de despedida na instituição investigada também revelou que a maioria dos corpos mortos era submetida ao procedimento de tana-topraxia - técnica de conservação de cadáveres, geralmente realizada para o velório e funeral. Para evitar a decomposição do corpo é utilizada uma técnica que consiste na aplicação de injeções de produtos bactericidas pelo sistema arterial, com o objetivo de destruir as bactérias presentes, bem como estabelecer um ambiente asséptico, capaz de resistir a uma invasão microbiana. Não raro também alguns corpos recebiam ne-

cromaquiagem – técnica para proporcionar uma aparência próxima à imagem quando vivo.

Durante o acompanhamento de uma exumação foi possível constatar que a tanatopraxia promoveu retardamento do processo de decomposição, mesmo se tratando de um corpo sepultado há sete anos. Naquela ocasião, como é legalmente requerido, estava presente um familiar da pessoa falecida, que ficou mobilizada emocionalmente, ao se deparar com fragmentos do corpo ainda em estado íntegro. Finalizado o procedimento, o coveiro da instituição mencionou que o ocorrido foi decorrente do uso da tanatopraxia. Em suas palavras, ‘a tanatopraxia deveria ser utilizada apenas nos casos em que o corpo necessitasse de mais de 72 horas para ser sepultado ou cremado. Do contrário, não faria sentido, pois o procedimento influencia no tempo de decomposição do corpo’. A pesquisa revelou que as empresas funerárias oferecem esse procedimento de forma indiscriminada para todos os casos, com o intuito de promoverem um aspecto “natural” na aparência do morto para o momento do velório (CORENSE, 2015).

A morte como negócio: a comercialização do cuidado

Segundo Veras e Soares (2016), os produtos oferecidos pelo ramo funerário atendem ao propósito de desvinculação entre o sofrimento e a morte, de modo que seu consumo seja associado à dignidade de ter “onde cair morto”, em linguagem popular. Essa tendência comercial de dissociação entre a morte e a dor e o sofrimento pode ser ilustrada pela estratégia publicitária da maior empresa de fabricação e venda de caixões da Polônia: a *Lindner*. Em 2010, a fabricante de caixões lançou um calendário para atrair futuros clientes. A estratégia de *marketing*, segundo o idealizador do projeto, foi de retirar o ar mórbido no momento de venda de seus produtos fúnebres. Para tanto, o calendário era composto por um ensaio fotográfico com corpos de homens e mulheres *seminus*, em poses eróticas, ao lado de diferentes modelos de caixões (Figura 1).

Figura 1 - Ilustração de calendário de empresa polonesa de caixões, *Lindner*.



Fonte: KALENDARZ, 2010.

O crescimento das feiras funerárias anuais, em vários países europeus, é indicativo do aprimoramento de técnicas e de recursos tecnológicos no preparo dos corpos, além da venda de produtos fúnebres, como urnas para as cinzas resultantes de cremação, de diferentes formatos, construídos com distintas matérias primas. Estes eventos também contam com expositores que apresentam novas máquinas para uso em fornos crematórios, e urnas específicas para armazenamento de cinzas. Cada produto pode alcançar valores elevados, em decorrência de sua sofisticação.

No Brasil, a primeira Feira Funerária foi realizada no Ceará em 2009, e sua nona versão ocorreu em Salvador, Bahia, em maio de 2024. No *website* de divulgação do evento, os organizadores informam tratar-se de uma oportunidade única de impulsionar a trajetória profissional, expandir o conhecimento e de fazer parte de uma comunidade engajada no “segmento do luto”, e conta com uma inscrição com custo de R\$ 700,00. Dentre os palestrantes convidados estão em destaque os gestores do setor cemitierial, fabricantes de caixões e demais produtos fúnebres, representantes de marcas de fornos crematórios, engenheiros e arquitetos com experiência em cemitérios verticais e columbário, bem como profissionais das áreas do Direito e da Psicologia. São oferecidas aos inscritos diversas modalidades de treinamento em torno de questões

burocráticas, além de manejo humanizado com enlutados em cemitérios, crematórios e memoriais (FEIRA FUNERÁRIA, 2024).

A Feira ainda promete oferecer ao participante:

“**conhecimento abrangente:** amplie seu conhecimento através de palestras, *workshops* e seminários ministrados por especialistas renomados. Aprenda sobre práticas comerciais, gestão eficiente, inovações tecnológicas e cuidados compassivos; (2) **networking estratégico:** estabeleça conexões valiosas com fornecedores, empreendedores e profissionais do setor. Aproveite as oportunidades para trocar experiências, criar parcerias e expandir sua rede de contatos; (3) **tendências e inovações:** mantenha-se atualizado(a) sobre as últimas tendências e avanços tecnológicos no setor funerário. Descubra novos produtos e serviços que podem agregar valor ao seu negócio ou prática profissional; (4) **desenvolvimento profissional:** participe de sessões práticas e vivenciais que visam aprimorar suas habilidades e competências. Adquira conhecimentos específicos que ajudarão a impulsionar sua carreira e negócio; (5) **suporte e orientação:** tenha acesso a mentores qualificados que ofertam orientação personalizada. Receba dicas e *feedbacks* especializados para aprimorar a gestão interna e externa, fornecendo atendimento humano e de qualidade” (FEIRA FUNERÁRIA, 2024).

A terceirização e comercialização dos cuidados com o corpo morto cada vez mais é objeto de naturalização. Tal tendência pode ser ilustrada a partir de busca simplificada na *internet* acerca de serviços funerários luxuosos e sofisticados. Dois exemplos de comercialização de serviços funerários divulgados pelas próprias empresas como inovadores estão situados em dois grandes centros urbanos do Brasil: São Paulo e Belo Horizonte. O primeiro é uma casa funerária localizada no bairro Bela Vista, com população majoritariamente pertencente a camadas médias e altas da cidade de São Paulo. Com proposta de reproduzir um modelo estadunidense de filmes, a *Funeral Home - São Paulo* oferece serviços com a garantia de que a família não terá qualquer tipo de envolvimento com o manejo do corpo da pessoa falecida. Dentre os serviços constam: velório intimista, que pode ser realizado na própria residência, dois tipos de *buffet*, maquiagem e reparação facial, tanatopraxia, assistente social, *Valet* - serviços de manobrista, serviços burocráticos, anúncio fúnebre em jornais, livro de condolências, som ambiente personalizado, flores - coroa e tufos, decoração das salas de velório com flores, serviços religiosos, traslado, organização de missa, entrega de documentos em domicílio, entrega e cerimônia de cinzas. Inaugurado em 2008, o *Funeral Home* é a primeira casa funerária implementada no Brasil e os empreendedores do negócio afirmam em seu *website* que a proposta é oportunizar aos clientes “uma atmosfera charmosa e tranquila, com decoração requintada e de destacada beleza, proporcionando a

todos um ambiente privativo e muito confortável” (FUNERAL HOME, 2024).

Em contraste com a casa funerária de São Paulo – e com valores semelhantes - em Belo Horizonte há uma proposta moderna e sustentável. Trata-se do empreendimento intitulado *BIOPARQUE - Memórias Vivas*. Com o objetivo de oferecer aos clientes um ambiente diferente dos cemitérios tradicionais, o Bioparque fornece a “oportunidade de transformar as cinzas humanas em árvores ou plantas que, reunidas em um extenso sítio, recebem cuidados diários de jardinagem compondo uma imagem verde, viva” e, segundo os idealizadores do empreendimento, “semelhante ao paraíso”. Seu *website* conta a seguinte informação: “o local passa uma imagem de paraíso em que os familiares e amigos comprem um espaço e plantam uma árvore para visitação futura da pessoa falecida” (BIOPARQUE BRASIL, 2024).

Estes serviços indicam uma associação entre a morte, os cuidados com o morto e o consumo, além de uma busca de dissociação entre o falecimento e o sofrimento. Com base em pesquisa realizada em *websites* dos empreendimentos funerários aqui destacados, em geral há uma tendência ao afastamento de concepções associadas à venda de produtos e serviços funerários que remetam aos sentidos de angústia, tristeza e dor pela perda de uma pessoa querida. Ao contrário, há uma estratégia de *marketing* dedicada a vender conforto, beleza e sofisticação.

Ao longo da redação deste artigo (agosto de 2024), uma notícia sobre o destino de parte das cinzas do falecido apresentador e comediante J  Soares foi veiculada em diversos meios de comunicação, com repercussão nas redes sociais. Uma matéria, intitulada “transformação inusitada: as cinzas de J  Soares se tornam diamante” (PORTAL R7, 2024), revelava, a partir de declaração de Flávia Soares, que havia transformado parte das cinzas da cremação em um diamante. A seguir, constava a explicação sobre o procedimento. Segundo a empresária que trouxe a inovação para o Brasil, “oferecemos desde 2003 diamantes laboratoriais a partir dos átomos de carbono personalizados”. A empresa, denominada *The Diamond*, está localizada em Curitiba, Paraná, e os preços podem variar entre R\$ 3.890,00 e R\$ 259.990,00 (THE DIAMOND, 2024). Nos comentários das matérias divulgadas em redes sociais, havia muitas falas de fãs da celebridade, enaltecendo a homenagem realizada pela ex-esposa do apresentador. Trata-se, portanto, de forma inovadora de ritualização da morte e de memória do morto, na contemporaneidade.

Considerações finais

As escolhas no último período de vida ou após a morte transformam-se de acordo com o momento histórico, com a cultura, o grupo e a sociedade e, sobretudo, segundo raça, g nero, inserção social do falecido, de seus familiares e de todos os envolvidos

(MENEZES; MACHADO, 2019). Neste artigo descrevemos o itinerário do corpo morto, destacando a presença mercadológica da indústria funerária na trajetória do cadáver, desde o local de falecimento até o lugar escolhido como seu destino final – sepultamento ou cremação. Em todos os tempos, sociedades e culturas, o término de uma vida acarreta uma produção de práticas sociais, de acordo com os significados compartilhados pelo grupo social (MENEZES; GOMES, 2011). No Brasil, sobretudo após os anos 1980, houve um aumento da procura de serviços terceirizados para os preparos dos corpos. Esta tendência tanto é resultante de transformações sociais concernentes aos rituais de despedida, aos sentidos de vida, sofrimento e morte, como pelo surgimento de inovações nas técnicas de cuidados dos corpos, efetuadas por profissionais especializados que trabalham nas funerárias. Às empresas do setor funerário cada vez mais são atribuídos e delegados os encargos dos cuidados dos mortos, de maneira que essa prática comercial vem sendo naturalizada, sobretudo em grandes centros urbanos do Brasil. Trata-se de um mercado lucrativo, com oferta de uma variedade de serviços para clientes com distintas inserções sociais – desde aqueles com restrito poder aquisitivo até camadas médias e altas. Nesse sentido, assim como na vida, a morte e os cuidados do corpo morto também contam com marcadores de inserção social delimitados.

Por outro lado, essas empresas também assumem o lugar de gestão de burocracias, traslado e oferecem espaços de reunião para familiares e círculo de sociabilidade, para a despedida do falecido. A pesquisa etnográfica constatou a existência de plano de assistência funerária local que, segundo os observados, proporcionou facilidades na organização dos trabalhos com o corpo morto e, também, no que concerne aos custos e operacionalização do funeral. Os familiares não precisam mais se preocupar com estes gastos, uma vez que se inscrevem em plano de auxílio funeral. No entanto, a observação etnográfica em velórios no cemitério evidenciou certo desconforto dos familiares diante de seus mortos – o que pode ser objeto de novas pesquisas, acerca das emoções presentes nessa situação. Sem dúvida, as recentes transformações nos cuidados no último período de vida acarretaram – e seguem produzindo – mudanças nas/das sensibilidades, concernentes aos sentidos de vida, sofrimento e morte.

Referências

- ARIÈS, P. 1981. *O homem diante da morte*. São Paulo: Ed. Unesp.
- ARIÈS, P. 2003. *História da morte no ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora S.A.
- BIOPARQUE BRASIL. 2024. Disponível em: <https://www.bioparquebrasil.com.br/en/>. Acesso em: 13 jun. 2024.

- BRASIL. Instituto Nacional de Tecnologia e Saúde. Unidade de Pronto-Atendimento. *Procedimento operacional: preparo do corpo pós morte*.
- CONSELHO REGIONAL DE ENFERMAGEM DE SERGIPE. 2015. *Parecer técnico nº 65/2015*. Disponível em: <https://www.coren-se.gov.br/wp-content/uploads/2016/05/PARECER-T%C3%89C-N.-065-2015-TANATOPRAXIA.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2024.
- ELIAS, N. 2001. *A solidão dos moribundos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- FEIRA FUNERÁRIA. 2024. *A feira: 9ª feira funerária*. Disponível em: <https://www.feirafuneraria.com.br/feira2024/#feira>. Acesso em: 26 mar. 2024.
- FUNERAL HOME. 2024. Disponível em: <https://www.funeralhome.com.br/servicos>. Acesso em: 14 jun. 2024.
- GLASER, B.; STRAUSS, A. 1965. *Awareness of Dying*. Chicago: Aldine.
- GRUPO SAF: Serviço de assistência familiar. 2024. Disponível em: <https://saf.com.br/>. Acesso em: 24 mar. 2024.
- HERZLICH, C. 1993. *Os encargos da morte*. Rio de Janeiro: UERJ/JMS.
- HOWARTH, G.; LEAMAN, O. (ed.). 2001. *Encyclopedia of death and dying*. Londres: Routledge.
- ILLICH, I. 1975. *A expropriação da saúde: nêmesis da medicina*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- KALENDARZ LINDNER. 2010. *Edycje* [Edições]. Disponível em: <http://kalendarzlindner.pl/editions/>. Acesso em: 10 jun. 2024.
- LAPLANCHE, J. 1991. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- LAQUEUR, T. W. 2015. *The Work of the Dead: A Cultural History of Mortal Remains*. Princeton: Princeton University Press.
- LIMA, C. P. 2016. O morrer: uma análise sociológica. *Revista M: Estudos sobre a morte, os mortos e o morrer*. Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 284-290. Disponível em: <http://seer.unirio.br/revistam/article/view/8159/7025>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- MAUSS, M. 2003. Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naif.
- MENEZES, R. A.; MACHADO, R. M.; SILVA, N. R. 2021. Final de vida e rituais fúnebres: perspectiva socioantropológica. In: CORDEIR, F. R.; FRIPP, J. C.; OLIVEIRA, S. G. (org.). *Final de vida: abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Moriá Editora.
- MENEZES, R. A.; MACHADO, R. M. 2019. Visibilização contemporânea do processo do morrer: novos rituais e sensibilidades. *Tempo da Ciência*, Toledo, v. 26. n. 51, p. 12-29, jan./jun.
- MENEZES, R. A. 2004. *Em busca da boa morte: antropologia dos cuidados paliativos*. Rio de Janeiro: Garamond.

- MENEZES, R. A.; GOMES, E. C. 2011. Seu funeral, sua escolha: rituais fúnebres na contemporaneidade. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 54, n.1, p. 89-131. Disponível em: <https://revistas.usp.br/ra/article/view/38585/41443>. Acesso em: 05 jun. 2024.
- MORAIS, I. A. L. 2009. *Pela hora da morte*: estudo sobre o empresariar da morte e do morrer: uma etnografia no Grupo Parque das Flores, em Alagoas. Recife. Tese (doutorado em Antropologia). Universidade Federal de Pernambuco. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/497/1/arquivo1088_1.pdf. Acesso em: 06 jul. 2024.
- NEVES, M. F. A. 2014. *Por onde vivem os mortos*.: O processo de fabricação da morte e da pessoa morta no segmento funerário de Porto Alegre. Porto Alegre. Dissertação (mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/101638>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- PORTAL R7. 2024. *Transformação inusitada*: As cinzas de Jô Soares se tornam diamante. Disponível em: https://noticias.r7.com/santa-catarina/nd-mais/transformacao-inusitada-as-cinzas-de-jo-soares-se-tornam-diamante-16082024/?utm_source=whatsapp&utm_medium=share-bar&utm_campaign=r7-topo. Acesso em: 15 ago. 2024.
- RODRIGUES, L. O. 2022. Secularização. *Mundo Educação*, [São Paulo]. Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/sociologia/secularizacao.htm>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- STRAUSS, A. L. 1963. The Hospital and its Negotiated Order. In: FREIDSON, E. (ed.). *The Hospital in Modern Society*. Londres: Collier-Mac-Millan.
- SUZUKI, H. 2013. *Death and Dying in Contemporary Japan*. London: Routledge, 2013.
- THE DIAMOND. 2024. Disponível em: <https://www.thediamond.com.br/empresa/>. Acesso em: 15 ago. 2024.
- TRADII, L. 2016. Death and dying in contemporary Japan. *Mortality*, [S. l.], v. 21, n. 4, p. 399-400. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/abs/10.1080/13576275.2016.1206517>. Acesso em: 10 ago. 2022.
- VERAS, L. 2015. *Aqui se jaz, aqui se paga*: A mercantilização da morte, do morrer e do luto. Curitiba: Appris.
- VERAS, L.; SOARES, J. C. 2016. Aqui se jaz, aqui se paga: a mercantilização da morte. *Psicologia & Sociedade*, Recife, v. 28, n. 2, p. 226-236.